

# COMITÉ DE INVESTIGAÇÃO CORONA - PARTE 16 | POR JOCHEN MITSCHKA

*Posted on 16. November 2020*

## Insulto à realeza ou julgamento necessário?

*Um ponto de vista de Jochen Mitschka.*

Continuamos a cobertura da 9ª reunião do Comité Corona "O Papel dos Meios de Comunicação Social" (1) com a 2ª parte. Voltaremos às sessões 7 e 8 mais tarde, quando os vídeos bloqueados pelo YouTube estiverem novamente disponíveis noutros canais.

Na primeira parte da sessão, o jornalista e psicólogo alemão Patrick Plaga, que vive actualmente na Suécia, foi entrevistado sobre a situação na Suécia, e tinha dado indicações interessantes sobre as diferenças no tratamento da crise da Corona. Hoje, falará o Prof. Michael Meyen, que analisa a situação dos meios de comunicação social na crise de uma perspectiva sociológica e histórica.

### Prof. Dr. Michael Meyen

A Sra. Fischer observou que, na Suécia, algumas pessoas-chave teriam tratado a crise de forma diferente e que a população tem a sensação de que as medidas estão de acordo com o que ela própria vê. Enquanto na Alemanha, surgiu uma propagação na sociedade, com uma parte a acreditar que tudo está certo e outra parte a acreditar que as medidas são desproporcionadas em relação ao que experimentam. E seria notável como opiniões semelhantes nos meios de comunicação de qualidade apoiariam os primeiros. Ela pediu, então, a opinião do Prof. Meyen.

O Prof. Meyen explicou que, ao contrário do Sr. Plaga, ele não avaliaria a situação de um ponto de vista psicológico, mas sim de um ponto de vista social. E haveria alguns estudos científicos que sugeririam que a explicação do Dr. Wodarg na última parte do resumo estaria correcta. De acordo com isso, haveria uma perda de confiança, mas seria difícil recolher dados sobre a confiança através de inquéritos. Quando se lhes pergunta se confiam nos meios de comunicação social, algumas pessoas pensam nos resultados do futebol, outras no mapa meteorológico, e outras nos relatórios diários de espuma sobre os números do RKI.

Os principais meios de comunicação, ele prefere o termo "meios de comunicação de qualidade", definiriam uma realidade que não pode ser ignorada. Os principais meios de comunicação social dir-nos-iam o que

temos de considerar como sendo realidade. Quando ligamos as notícias ou lemos o *Süddeutsche Zeitung*, observamos "relações de poder definitivas". Observamos quem consegue trazer a sua versão da realidade aos olhos do público, e não podemos ignorar esta versão "sob pena de destruição", porque teríamos de assumir que "os outros" perceberam a mesma versão da realidade e ajustariam o seu comportamento em conformidade. Portanto, a questão de "se confio nas notícias seria de facto irrelevante, porque tenho de incorporar o que existe, o que é relatado como realidade, no meu próprio comportamento.

Isto seria chamado de "relações de poder definitivas". Essa seria a principal diferença para as redes sociais, os canais do YouTube. Não se pode assumir que todos têm o canal de vídeo ligado, pelo que se poderia "ignorá-lo liminarmente". Mas não se pode fazer isso com as notícias. Se comunica o número de "novas infecções" registadas todos os dias, então isto deve ser considerado como uma realidade. Explicou então a consequência das sanções e castigos do resto da sociedade, que reconhece esta realidade se se negar a si próprio esta "realidade".

Esse seria o poder de definição que os principais meios de comunicação social ainda teriam. E a crise da Corona teria mostrado que o poder da definição é tão forte como sempre. O período Corona teria provado que este poder de definição é tão grande que o canto do cisne foi prematuro.

Depois, o Prof. Meyen salientou que esta crise da Corona também tinha provado que os principais meios de comunicação social não iriam cumprir a sua missão pública. Salientou que nem os princípios democráticos, pluralistas ou outros, segundo os quais todas as opiniões devem ser representadas no público, e portanto nos principais meios de comunicação social, foram cumpridos. Apenas uma parte dos interesses e opiniões teria sido transportada pelos principais meios de comunicação social nos últimos meses. Uma vez que muitas coisas não estão presentes, os cidadãos não teriam sido capazes de formar uma opinião.

A tarefa do jornalismo não seria de facto escrever um editorial, ou fornecer comentários ou interpretações, mas sim informar os cidadãos sobre diferentes interesses e opiniões, permitindo-lhes assim formar as suas próprias opiniões. Em vez disso, seria proclamada uma opinião.

As razões para tal seriam estruturais e não psicológicas, como mencionado pelo Sr. Plaga. O Sr. Wodarg já

se teria referido à economia e à política. Uma parte do jornalismo na Alemanha está organizada de acordo com interesses económicos, que seriam o sector privado e os gigantes da Internet. Outra parte estaria sujeita aos ditames da política, como se pode ver na radiodifusão pública.

Haveria conselhos de radiodifusão, mas os cidadãos não estariam realmente aí representados. A política controlaria ali os jornalistas, o que seria o oposto do que se esperaria do jornalismo. Os cargos mais importantes com poder de decisão seriam determinados por órgãos politicamente dominados.

O Dr. Füllmich mencionou uma citação de Hans Joachim Friederichs, que tinha salientado que, como jornalista líder dos meios de comunicação social, nunca se deve exprimir uma opinião, mas deve sempre tentar ser um observador neutro.

O Prof. Meyen salientou que, nessa altura, os meios de comunicação social ainda estavam organizados de forma diferente. Hoje ele falaria de um imperativo de atenção. Isto teria algo a ver com a ligação simbiótica que o jornalismo tem feito com as plataformas digitais. Na época de Friederichs, este concurso não teria existido, por outro lado, as plataformas digitais como o YouTube, Instagram, Facebook e Twitter ter-se-iam tornado os "pontos de venda mais importantes para produtos jornalísticos". Por este motivo, afirmou, o jornalismo deve adaptar-se à lógica das plataformas digitais.

Se olharmos para um noticiário antigo de 1985 ou para os Tagesthemen com Friederichs daquela época, apercebemo-nos de que seria uma realidade completamente diferente que ali seria construída. Hoje haveria muito menos política, e um tipo de política completamente diferente. Haveria hoje uma política centrada nos conflitos entre as pessoas, tal como Söder contra Laschet. Tudo contra Ramelow, quando ele pensou em abolir a obrigação de usar máscaras, quando praticamente não havia casos no seu estado. Veria superlativos e registos todos os dias. Não faz realmente sentido reportar 400 casos num país de 85 milhões. Mas isso tornar-se-ia realidade.

Depois relatou que uma vez tentou analisar o relatório usando o exemplo de sempre os mesmos acontecimentos, neste caso grandes tempestades. Há vítimas mensuráveis e números de danos numa só moeda. Se olharmos para ela nos anos 50 e 60, ela teria sido relativamente neutra. Hoje, uma tempestade,

mesmo antes de chegar, seria um cenário catastrófico.

Hoje, já não saberíamos o que era discutido internamente nas conferências do partido, mas saberíamos que pessoas competiam por que cargos. E neste período da Corona, ter-se-ia de aprender amargamente que este tipo de jornalismo poderia levar a política à sua frente.

Isso seria uma medialização da política. Ter-se-ia de observar que todas as pessoas que têm responsabilidade algures, todos os decisores, tinham internalizado o imperativo da atenção, a lógica dos media. Fariam tudo o que estivesse ao seu alcance para impedir os relatórios negativos e, por outro lado, tudo seria feito para colocar os decisores numa perspectiva o mais positiva possível.

Era para isto que as grandes empresas e as autoridades se teriam equipado. O Gabinete de Imprensa Federal já empregaria cerca de 500 pessoas, a maioria das quais são mais bem pagas do que um professor universitário. Estas 500 pessoas não teriam mais nada a fazer do que colocar a política do Governo Federal numa perspectiva favorável.

Se comparar isso com os recursos disponíveis nos principais gabinetes editoriais políticos, seria uma batalha "David contra Goliath". Os políticos conseguiriam fazer passar certos termos desta forma. O jornalista, apenas por razões de recursos, e não apenas porque é uma pessoa com medos, não teria outra forma de lutar contra termos como "perm", "corona denier" ou "demos de higiene".

Poder-se-ia supor que os jornalistas veriam através deste enquadramento e tentariam utilizar os seus próprios termos. Mas isto não pôde ser realizado na vida quotidiana dos gabinetes editoriais, que está organizada de acordo com aspectos comerciais. Se ganhar dinheiro é o objectivo mais importante, e as relações públicas são apenas uma espécie de produto de desperdício, então os cortes seriam feitos na medida do possível.

O Prof. Meyen salientou que a actual crise irá colocar os gabinetes editoriais sob uma pressão ainda maior. Em alguns casos, os jornalistas no escritório em casa já têm de criar uma nova realidade a cada hora. Não se podia lutar contra o poder de definição que emana dos ministérios, do governo, mas também das empresas

comerciais.

Explicou que a crise da Corona tinha mostrado que não havia maneira de repensar a organização do jornalismo. "Queremos que o que percebemos como realidade na esfera pública continue a ser determinado por considerações comerciais, como no sector privado (...), ou pela política, como no CMI?

O Dr. Wodarg assinalou que se podia observar em alguns casos que muitos meios de comunicação utilizavam mesmo as mesmas frases. Perguntou se teria havido uma agência que teria estado envolvida, ou se teria sido apenas o Gabinete Federal de Imprensa. Poder-se-ia ter observado, em parte, que isto teria ido muito além das fronteiras estatais.

O Prof. Meyen explicou que se teria recebido alguma informação selectiva sobre quem tinha desenvolvido algumas das campanhas de hashtag. Mas o que seria interessante não seriam as agências de publicidade que fariam então o trabalho encomendado, mas sim os recursos que seriam gastos no mesmo. Todos os políticos de hoje teriam o seu departamento de imprensa. Cada partido político teria um pessoal de imprensa, cada ministro teria um departamento correspondente. Cada político de topo teria os seus próprios assessores de imprensa que se assegurariam de que estava preparado para entrevistas.

"Não se pode imaginar que um Ministro Presidente, seja na Baviera ou na RNV, fosse a uma conferência de imprensa e não tivesse treinado tudo, antes. Todas as potenciais perguntas que um jornalista poderia fazer foram ensaiadas de antemão. Os termos com que se vai a esta conferência de imprensa já foram discutidos e experimentados previamente".

Saber-se-ia que Markus Söder repetiria um termo que queria ver nos meios de comunicação social até o jornalista o ter escrito. Isso seria sempre, naturalmente, uma tentativa de orientar o cidadão numa determinada direcção, uma espécie de enquadramento. Colocar termos como Corona Denier ou Covidiot no mundo é suposto moldar o pensamento das pessoas.

Quando lhe perguntaram de onde vinham os termos, o Prof. Meyen respondeu que as pessoas inteligentes sabiam que o jornalismo hoje em dia funcionaria de acordo com o imperativo da atenção, e depois

desenvolveram tais conceitos de enquadramento. Esta abordagem não se limitaria à política. Encontrar-se-ia também no desporto de alto rendimento, no sector universitário, na economia. Só com a Corona seria agora tão claramente visível.

Além disso, haveria agora uma grande proximidade entre os decisores e os jornalistas, precisamente para gerar a cobertura desejada. "Isto é o que eu chamaria de proximidade habitual, (...) vocês vêm do mesmo meio, já estiveram nas mesmas universidades, vêem o mundo de uma forma muito semelhante, por isso não precisam de ser muito influenciados, e certamente não precisam de exercer pressão, porque as pessoas de classe média com a mesma educação simplesmente vêem o mundo de uma forma semelhante.

E depois haveria uma aproximação adicional que viria do ambiente de trabalho. Se visse as mesmas pessoas todos os dias na conferência de imprensa, quando viaja com elas, quando percorrem o país, então desenvolveria a compreensão. Um colega seu de Leipzig, Uwe Krüger, falava de "conspiração de responsabilidade". "O jornalista sabe o que é bom e o que é mau, acredita que tem influência sobre as pessoas, e ao ser capaz de definir a realidade, começa então a construir a realidade na direcção que pensa ser boa". Assim, não escreve nada contra a mascarada, nada de positivo sobre as manifestações contra as acções do governo.

Não haveria necessidade de convidar jornalistas para conversas de fundo, o que naturalmente aconteceria de qualquer forma. Haveria redacções muito homogéneas, especialmente nos principais meios de comunicação social, nos quais se sentariam especialmente os académicos brancos com um bom rendimento. Ao contrário de África, onde os jornalistas são pagos para vir a conferências de imprensa porque praticamente não têm rendimentos próprios, os principais editores dos meios de comunicação social na Alemanha seriam bem pagos e poderiam efectivamente cumprir a sua missão.

O Dr. Füllmich perguntou então, se era possível a partir do equipamento, porque é que pessoas que eram bastante críticas noutros assuntos estavam de repente completamente em jogo na Corona. Em alguns casos, a linha oficial seria mesmo apertada.

O Prof. Meyen respondeu que a ideologia profissional no jornalismo era responsável por isto. A acusação de

reportagem "errada" atinge os jornalistas no núcleo. O jornalismo afirmaria ser independente, objectivo e neutro. Mas isso teria sido sempre uma ilusão. Como ser humano, não se podia ser objectivo. É por isso que a ideologia profissional necessita de uma reforma. Precisamos de falar mais sobre transparência e reflexão.

O segundo ponto seria que a acusação de ter "denunciado um erro" só seria provavelmente verdadeira nos casos mais raros. "O que temos mais probabilidades de observar é que as partes da realidade que apoiam uma determinada atitude se tornam maiores, as partes da realidade que não se encaixam na atitude que domina numa classe média académica branca se tornam menores, são deixadas de fora". Ou mesmo deslegitimado.

Na verdade, o jornalismo deveria reflectir de forma neutra todas as posições, para que os utilizadores dos media possam formar as suas próprias opiniões, mas tal não aconteceria. No entanto, o que seria de esperar é que certas posições seriam deslegitimadas por pessoas que não têm os conhecimentos necessários para falsificar tais posições. Isto seria experimentado no exemplo do Dr. Wodarg. Foi feito bode expiatório por uma "verificação dos factos", por pessoas que não teriam sido capazes de julgar os factos de todo. A missão do jornalismo teria sido juntar Wodarg e Drosten para que pudessem trocar opiniões de forma transparente perante o público. Mas isso não teria sido feito.

Os alemães teriam pago oito mil milhões de euros em taxas pela radiodifusão pública. Mas se olharmos para os contratos dos empregados, vemos que muito poucas pessoas têm contratos fixos vitalícios. Em vez disso, verifica-se que os serviços públicos de radiodifusão são fornecidos por empresas de produção subcontratadas, por pessoas que trabalham como freelancers, ou pelos chamados "Festfreien", que já podem esperar estar de volta à lista no próximo mês, mas não têm a certeza disso.

Assim, a conformidade começa quando não se pode ter a certeza de que o contrato continuará no próximo mês, depois orienta-se para os chefes que tem, que têm contratos fixos. E estas posições de gestão são determinadas por órgãos onde a política tem a palavra. Aí, é claro, a boa conduta seria recompensada em conformidade. É por isso que devemos realmente pensar em organizar o jornalismo público. Propôs mais contratos vitalícios como nos anos 80.



Evidentemente, haveria desvantagens de tais contratos de tempo de trabalho vitalício, que também existem na universidade, e dos quais ele também beneficiaria. Haveria uma minoria de talvez 10% que descansaria, pararia de pesquisar, manteria o ensino a um mínimo. Mas a maioria dos outros traria consigo um ethos que levaria a mais investigação e bom ensino.

O Prof. Meyen disse que os jovens jornalistas entrariam nos gabinetes editoriais com a vontade de "esclarecer", e que se sentiriam menos sob a pressão da conformidade se tivessem um emprego vitalício. Era preciso libertá-los dos ditames da espiral de atenção. Tivemos de deixar de exigir que produzissem certos números de cliques. Em vez disso, devem ser recompensados se fizerem avançar o discurso social.

Hoje em dia, os meios de comunicação social não só medem as taxas de cliques, mas também verificam quais os artigos que levam a subscrições. Que artigos levam as pessoas a regressar ao sítio e que artigos são partilhados em plataformas sociais. Como jornalista, seria necessário servir o imperativo da atenção. O que seria algo diferente do cumprimento do mandato do público.

O Dr. Füllmich perguntou se existe uma discussão séria dentro do jornalismo no momento em que tem de haver um novo tipo de jornalismo de atitude. Que não uma informação, mas uma atitude deve ser transportada.

O Prof. Meyen explicou que este debate não se realiza apenas no Spiegel, mas na profissão em geral. No dia da audiência haveria uma audiência sobre o tema por ocasião da entrevista que Deutschlandfunk realizou com Anselm Lenz. O portal "sobre os meios de comunicação social", que seria o único portal de média crítica, no qual se observa, o que os colegas jornalistas fazem de tal forma, recusa-se a falar com "tais pessoas, que só leva mais longe na toca do coelho do ideólogo da conspiração". Outras opiniões dizem que uma tal entrevista não poderia fazer nada de prejudicial, e seria a primeira entrevista em que alguém poderia ter apresentado a sua posição durante um tempo relativamente longo, nomeadamente cerca de 13 minutos, sem ser imediatamente desvalorizado pela outra parte. Isto não poderia ter qualquer efeito devido à massa de contribuições contraditórias nos meios de comunicação social públicos. E o CMI teria recursos suficientes para dissolver, se necessário num documentário, informação falsa, caso esta fosse

expressa e não contrariada numa tal entrevista.

O pano de fundo do debate sobre jornalismo de atitude seria o facto de se poder também gerar atenção e, por conseguinte, fazer click-throughs através da opinião. O jornalista já não teria de sair do seu escritório em casa, apenas teria de divulgar uma tese íngreme e já seria "bem sucedido".

O Prof. Meyen vê este desenvolvimento com grande preocupação. Naturalmente, os jornalistas poderiam expressar as suas opiniões em editoriais. Mas para ele, como cidadão que quer formar uma opinião, seria muito menos importante do que aprender o que está a ser discutido na sociedade como um todo.

Em resposta à pergunta da Sra. Fischer sobre o futuro dos principais meios de comunicação social, o Prof. Meyer respondeu que existiam inquéritos sobre credibilidade desde cerca de 2014, mas que os considerava metodologicamente questionáveis. Cerca de 30% dos inquiridos disseram que já não tinham confiança nos meios de comunicação social.

No entanto, os principais meios de comunicação social tinham ganho importância na era da Corona. Se apenas se visse as audiências e o número de utilizadores. Isso seria claro, pois os meios de comunicação social ganhariam sempre em importância em tempos de crise. Ele deu exemplos de tais crises.

Por conseguinte, poder-se-ia chamar os especuladores convencionais ou líderes dos meios de comunicação social da crise, porque eles ganharam novamente importância na sociedade. A razão seria que as pessoas precisam de saber o que é permitido, o que é proibido.

O Dr. Wodarg perguntou então se existem exemplos de meios de comunicação a serem forçados pelos tribunais a alterar a sua reportagem, ou se existe alguma possibilidade. Porque muitas pessoas seriam prejudicadas pela cobertura mediática.

O Prof. Meyen explicou que o que teria sido moldado como mandato do público para os meios de comunicação social teria sido significativamente moldado pela jurisprudência. Portanto, poderia haver a possibilidade de recordar ao jornalismo a sua tarefa e de o conduzir de volta a ela. Em casos individuais, no entanto, ele seria bastante céptico. Como cidadão individual interessado, poder-se-ia processar por um

contra-argumento, mas isto teria pouco efeito. Poder-se-ia processar por uma injunção, ou processar por um novo relatório se se pudesse provar que ele foi afectado. E tinha sempre de se provar que o jornalista tinha deliberadamente denunciado um erro. E para provar isto é relativamente difícil.

Mais eficaz seria um debate social geral sobre o papel dos meios de comunicação social na sociedade. Se queremos mudar o jornalismo que impulsiona a política e fazer exigências cada vez mais radicais, ou "quanto queremos pagar por outro jornalismo".

Na Suíça, antes da votação de um aumento das taxas para os meios de comunicação social do CMI, teria havido uma discussão que teria tornado as pessoas mais conscientes do papel do jornalismo. Num tal referendo, os argumentos devem ser colocados em cima da mesa. Uma tal discussão seria urgentemente necessária na Alemanha.

Não se deve ter demasiadas esperanças para os tribunais. Depois explicou que ele próprio tinha tentado tomar medidas legais contra um pequeno artigo sobre ele no Süddeutsche Zeitung, e que teria falhado, apesar de o texto ter mencionado citações incorrectas.

## Perspectivas

No próximo resumo, o Prof. Dr. Michael Meyen será questionado e revelará muita informação reveladora do jornalismo e da sua relação com a sociedade.

## Nota

Em 2017, o autor já escreveu um artigo em Rubicon sobre a necessidade de reforma dos meios de comunicação social. A análise foi a mesma que ouvimos neste PodCast do Prof. Meyen, mas as soluções propostas eram diferentes. (2)

## Fontes:

1. <https://youtu.be/Q11xjqRwWhk>
2. <https://www.rubikon.news/artikel/ohne-neutrale-medien-keine-demokratie>

+++

Graças ao autor pelo direito de publicar.

+++

Fonte da imagem: OvalMedia

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK